

## Consciência identitária dos propósitos e meios do Serviço Social: resultados de um estudo empírico aos assistentes sociais

Telmo Caria<sup>1</sup>; Paula Sousa<sup>2</sup>; José Luis Almeida<sup>3</sup>

Recibido: 20/05/2019 / Revisado: 21/06/2019 / Aceptado: 04/03/2020

**Resumo.** Este artigo tem como objetivo apresentar parte dos resultados empíricos de uma pesquisa, não baseada em uma amostra representativa, aplicada a assistentes sociais no norte de Portugal. Foi aplicado um questionário para se obter informações sobre a consciência discursiva que esses profissionais têm da relação entre conhecimento formal e identidade profissional, por meio do uso que fazem dos seus conhecimentos sobre os grandes propósitos e meios de intervenção social no seu contexto de trabalho. A seleção dos dois temas para este estudo empírico justifica-se porque, hipoteticamente, se entendeu serem gerais e transversais a todos os setores da atividade do serviço social e que, portanto, podem ter maior valor institucional para apoiar e fortalecer a identidade profissional. Como tal, os dados apresentados pretendiam responder a duas hipóteses: a) conhecer o grau de consistência e unidade que existe entre o conhecimento sobre a finalidade e o conhecimento sobre os meios de intervenção; b) conhecer o grau de transversalidade e homogeneidade existente no uso desse conhecimento, considerando a formação institucional, linha geracional e a variação setorial da atividade. As principais conclusões são que existe um grau suficientemente alto de consistência e transversalidade no uso desse conhecimento para apoiar o fortalecimento de uma identidade profissional no serviço social.

**Palavras-chave:** identidade profissional; serviço social; conhecimento em serviço social; questionário; consciência identitária.

### [en] Identity awareness about the purposes and means of social work: results of an empirical study of social workers

**Abstract.** This article aims to present part of the empirical results of a survey not based on a representative sample applied to social workers in northern Portugal. A questionnaire was applied to obtain information about the discursive awareness that these professionals have of the relationship between formal knowledge and professional identity through the use they make of their knowledge about the great purposes and means of social intervention in their work context. The selection of these two themes for this empirical study is justified because, hypothetically, were found to be the most general and cross all sectors of social work activity and that, therefore, may have greater institutional value to support and strengthen professional identity. As a result, the data presented were intended to answer two hypotheses: a) to know the degree of consistency and unity that exists between the knowledge about the purpose and the knowledge about the means of intervention; b) to know the degree of transversality and homogeneity that exists in the use of this knowledge considering the generational, institutional formation and sectorial variation of activity. The main conclusions are that there is a sufficiently high degree of consistency and transversality in the use of this knowledge to support the strengthening of a professional identity in social work.

**Keywords:** professional identity, social work, social work knowledge, questionnaire survey, identity awareness.

<sup>1</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.  
tcaria@utad.pt

<sup>2</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.  
paulasousa@utad.pt

<sup>3</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal.  
Jose Luis@utad.pt

## [es] Consciência identitária acerca de los fines y los medios del Trabajo Social: resultados de un estudio empírico a los trabajadores sociales

**Resumen ampliado.** Este artículo tiene como objetivo presentar parte de los resultados empíricos de una encuesta, no basada en una muestra representativa, aplicada a los trabajadores sociales en el norte de Portugal. Se aplicó un cuestionario para obtener información sobre la conciencia discursiva que estos profesionales tienen de la relación entre conocimiento formal e identidad profesional, a través del uso que hacen en contexto de trabajo del conocimiento que tienen sobre las grandes finalidades y medios de intervención social. La selección de estos dos temas para este estudio empírico se justifica porque, por hipótesis, se entendió ser los más generales y transversales a todos los sectores de actividad del servicio social y que, por eso, pueden tener mayor valor institucional para basar y fortalecer la identidad profesional. Como consecuencia, los datos presentados tuvieron como objetivo responder a dos hipótesis: a) saber el grado de consistencia y unidad que existe entre los conocimientos sobre las finalidades y los conocimientos sobre los medios de intervención; b) saber cuál es el grado de transversalidad y homogeneidad que existe en el uso de estos conocimientos, considerando la variación generacional, institucional de formación y sectorial de actividad. Las principales conclusiones son: que existe un grado suficientemente elevado de consistencia y transversalidad en el uso de estos conocimientos para soportar el fortalecimiento de una identidad profesional en Trabajo Social. Los resultados pueden ser utilizados para profundizar en el análisis sobre identidades profesionales, también con otras metodologías. Los autores sostiene que la identidad profesional es dinámica, que cambia continuamente, no solo en Europa sino también en otros países. Supone que el Trabajo Social confiere una identidad propia porque existen unos conocimientos, unas competencias y unos valores comunes a los trabajadores sociales, distintos y diferentes de cualquier otra profesión. Es una identidad específica y compartida en algunos aspectos pero otros generan controversias o conflicto entre los propios profesionales. La relación entre conocimiento e identidad profesional se podría definir – dice la autora – como una identidad profesional institucional y conciencia que emerge del discurso sobre esta relación puede verse en algunas investigaciones que tratan del tema de la conciencia identitaria profesional. Mediante un cuestionario, que se pasó a 187 trabajadores sociales de la región norte de Portugal, cuya selección no tuvo en cuenta criterios de representatividad en relación al universo de la muestra que explica en el artículo. Entre los resultados, se encuentra que hay un grado de consenso elevando en relación a los contenidos de conocimiento entre los profesionales, lo que no significa que no haya divergencias dentro de la profesión. Una de las conclusiones es que potencialmente existe una conciencia identitaria del Trabajo Social, es decir una coherencia interna entre medios y fines, como lo indican los datos de esta investigación. Entre las conclusiones podemos destacar que aunque el consenso es evidente, no significa que sean uniformes las identidades de los asistentes sociales portugueses. Por otro lado, los medios de “ayuda asistencial” se asocian más a una finalidad de autonomía de las personas, que los medios de ayuda para desarrollar capacidades, más asociados a fines de “relación interpersonal”.

**Palabras clave:** identidad profesional, trabajo social, conocimiento en trabajo social, cuestionario, conciencia identitaria

**Sumario:** Introdução. Identidade profissional e consciência identitária nos assistentes sociais. 1. Metodologia. 1.1. Indicadores, variáveis e testes. 1.2. Amostra. 2. Resultados. 2.1 Consensualidade e unidade da consciência identitária. 2.2 Coerência e associação de meios/fins. 2.3 Transversalidade e homogeneidade. 3. Conclusões. 4. Referências bibliográficas

**Cómo citar:** Caria, T., Sousa, P., Almeida, J. L. (2020) Consciência identitária dos propósitos e meios do Serviço Social: resultados de um estudo empírico aos assistentes sociais. *Cuadernos de Trabajo Social*, 33(1), 297-312.

### Introdução. Identidade profissional e consciência identitária nos assistentes sociais

No serviço social, tal como em outras áreas, o tema da identidade profissional tem sido abordado segundo diferentes ângulos e não há uma visão única do que significa a identidade profissional (Webb, 2017), havendo ao longo da história disputas sobre qual a identidade profissional global que mais se adequaria ao serviço social (Hugman, 2009).

Uma identidade profissional múltipla e variável contribui para uma percepção de crise na profissão havendo quem afirme que “a ‘crise’ no serviço social é sobretudo uma questão de

identidade profissional” (Asquith *et al*, 2005, p.4) e que tem impacto na compreensão das finalidades fundamentais da profissão. Para Donovan, continua a existir no serviço social “um sentido duradouro de crise” (Donovan *et al*, 2017, p.2) em que a identidade “é, sem dúvida, reflexo das questões e forças externas que impactam na profissão” (*ibidem*). Contudo, pode-se afirmar que a identidade profissional é dinâmica e que assistimos a um processo contínuo de mudança nas identidades do serviço social na Europa e internacionalmente. Payne (2014) argumenta que há muitos tipos de serviço social e que é inadequado procurar criar e defender uma identidade unificadora e única

para o serviço social. De acordo com Payne (*ibidem*) uma visão internacionalista propôs um serviço social unificado como parte de um projeto de profissionalização no século XX para institucionalizar o estatuto e o reconhecimento do serviço social, mas a diversidade de contextos socioculturais e institucionais possibilita que existam diversas variantes de serviço social. Também Hugman (2009) reflete sobre a diversidade de identidades profissionais, sobretudo entre os países do “Norte Global” e do “Sul Global”, sugerindo que a profissão deva desenvolver uma “identidade ampla coerente” em que perfilhe um traço comum, mas, ao mesmo tempo, reconheça a diversidade.

Autores como Forenza e Eckert (2018) argumentam que a inexistência de uma identidade profissional unificadora se deve ao fato do serviço social ser uma profissão de amplo espectro que abrange as áreas micro, meso e macro na prática profissional. Aliás, a questão polêmica da demarcação de fronteiras da profissão perdura até hoje, especificamente se o foco do serviço social deve ser em questões “micro” ou “macro” (Hugman, 2009).

A nível profissional, “a identidade profissional –ou como os assistentes sociais pensam de si próprios enquanto assistentes sociais– é frequentemente definida, como o seu autoconceito baseado em atributos, crenças e experiências” (Webb, 2017, p.4) e emerge sobretudo a partir da interação entre a identidade pessoal e a identidade profissional coletiva (Payne, 2006, p.137). No entanto, não tem sido claro e consensual em que consiste tal identidade profissional coletiva. Por um lado, o serviço social é apresentado externamente como tendo uma identidade profissional distinta que é diferente de outras ocupações e profissões. Esta ideia supõe a existência de conhecimentos, competências e valores comuns. Por outro lado, o que significa ser e agir como assistente social é percebido internamente segundo alguns aspetos comuns e partilhados, mas também contestados.

Esta suposta contradição é intrínseca na perspetiva de que todas as profissões são caracterizadas por uma tensão inerente. Externamente, a sua legitimidade está ligada a ser um grupo ocupacional diferente dos demais, enquanto internamente consiste em diversas abordagens, tradições e métodos (Abbott, 1988). No serviço social esta tensão é desta-

cada quando se aborda a sua identidade profissional, sendo comum dizer tratar-se de

Uma profissão desunida, não apenas no contexto internacional, onde apresenta uma variedade desconcertante de títulos profissionais e discursos intelectuais, mas também a nível nacional, onde em todos os países existem vários perfis profissionais em paralelo, contestando, por vezes, os territórios uns dos outros (Lorenz, 2004, p.145).

Constitui, hoje, uma premissa no serviço social, a ideia de que é crítico para o desenvolvimento da identidade profissional dos assistentes sociais possuírem uma ‘base de conhecimento’ (*knowledge base*) (Payne, 2001). Por relação com outros grupos profissionais, entende-se que a existência de um corpo de conhecimentos próprios é uma vantagem fundamental para basear a identidade desta atividade. Parte-se, portanto, de visões do poder sobre os processos de profissionalização que “sugerem que o domínio de áreas de conhecimento específicas permite aos grupos profissionais obter influência sobre situações sociais específicas” (p. 136).

Contudo, segundo Liz Beddoe, os profissionais de serviço social parecem revelar preocupação sobre a fraqueza desta base de conhecimento (Beddoe, 2013a), face aos contextos organizacionais multiprofissionais e multidisciplinares em que, atualmente, cada vez mais trabalham<sup>4</sup>. Alegando que uma ‘base de conhecimentos’ própria é fundamental para uma identidade profissional segura, a mesma autora refere que para o serviço social “a hegemonia obtida pela aquisição de um conhecimento especializado nunca foi alcançada e que os seus desígnios quase sempre foram mediados por terceiros. Assim, pode-se argumentar que a profissão tem uma reivindicação de conhecimento fraca e sujeita a disputas” (Beddoe, 2013b, p.59). Esta é a principal razão apontada, pela autora, para uma identidade profissional insegura. Em anterior trabalho (Caria, T., Sousa, P. e Almeida, J.L., 2017), tivemos oportunidade de fazer uma revisão da literatura sociológica sobre o conceito de identidade social aplicado aos grupos profissionais, tendo concluído que a relação entre conhecimento e identidade profissional poderia ser conceptualizada como uma *iden-*

<sup>4</sup> Esta análise foi também validada por Caria *et al* (2014).

*tidade profissional institucional* e que a consciência discursiva que os profissionais têm desta relação poderia ser operacionalizada em estudos empíricos sobre a *consciência identitária profissional*. Com este artigo temos em vista concretizar esta orientação, apresentando um estudo empírico sobre a consciência identitária dos assistentes sociais.

Repare-se que o foco da nossa análise não são os conhecimentos específicos que em cada setor de atividade o serviço social usa para legitimar a sua atuação. O que nos interessa são os conhecimentos mais gerais e abstratos que suportam a construção de um discurso geral, sobre o que existe de comum e que é valorizado-preservado pelos assistentes sociais para dar unidade, homogeneidade e coerência ao reconhecimento público e social da profissão e ao mesmo tempo defender e promover a sua delimitação jurisdicional, uma vez que o surgimento de novas profissões sociais e «saberes mestiços» (Krmpotic e Ponce de León, 2017, p.137) tem contribuído para que os profissionais sintam uma perda da credibilidade do seu agir profissional, correndo assim o risco de perder o sentido de autonomia profissional alicerçada numa perícia própria.

Em consequência o desenvolvimento deste estudo implicou procurar conteúdos de conhecimento do serviço social que fossem suficientemente gerais e abstratos e simultaneamente distintos de outras profissões sociais. Dentro desta orientação admitimos que a consciência identitária dos assistentes sociais poderia numa primeira abordagem ser desdobrada, por

hipótese, em duas temáticas básicas da intervenção social, a saber:

- a. o tema dos conhecimentos que suportam a identidade profissional sobre as grandes metas e finalidades do Serviço Social, isto é, a *Consciência Identitária das Finalidades* (doravante esta temática será designada somente por **C.I. das Finalidades**);
- b. o tema dos conhecimentos que suportam o uso de meios e procedimentos gerais de ajuda ao utente, isto é, a *Consciência Identitária dos Meios de Ajuda* (doravante esta temática será designada somente por **C.I. dos Meios de Ajuda**).

Assim, a definição dos conteúdos específicos da *C.I. das Finalidades* tem por referência a Definição Global de Serviço Social (IFSW, 2014) e respetivas ‘notas de comentário’, segundo as quais “os principais mandatos da profissão de serviço social incluem a promoção de mudanças sociais, desenvolvimento social, coesão social e o empoderamento e emancipação das pessoas”<sup>5</sup>. Salientam, ainda, que a definição de serviço social é um elemento chave para estabelecer a identidade da profissão. Deste modo, constatámos que os conteúdos de conhecimento da temática da *C.I. das Finalidades* tendiam a variar em três grandes finalidades da intervenção social, designadamente, a mudança, o controlo e a regulação. Para cada finalidade consideraram-se os conteúdos de conhecimentos relacionados a uma determinada dimensão da ação profissional, patente no quadro 1.

<b>Finalidades</b>	<b>Dimensões da ação profissional</b>
Mudança	Emancipatória
Controlo	Relação Interpessoal
Regulação	Integração Social

Quadro 1. Dimensões da Ação Profissional ligadas à C.I. das Finalidades

Para o desenvolvimento da ‘finalidade de mudança’ consideraram-se os conteúdos de conhecimentos mais relacionados com o desenvolvimento social e a intervenção social comunitária, ligados a uma metodologia participativa que se reflete em envolver as pessoas

e promover a sua capacitação e autonomia para enfrentar os obstáculos da vida. Consistente com a esta abordagem, designou-se esta dimensão de *emancipatória* pela ênfase colocada em estratégias que visam aumentar o potencial das pessoas para enfrentar as dinâmicas

<sup>5</sup> International Federation of Social Workers (IFSW). (28 de dezembro de 2019). *Global Definition of Social Work*. Recuperado em: <https://www.ifsw.org/what-is-social-work/global-definition-of-social-work/> (Acessado em 28 de dezembro de 2019).

sociais geradoras de vulnerabilidades e as fontes estruturais de injustiças.

No que se refere à ‘finalidade de controlo’ procurámos direcioná-la mais para a identificação de conhecimentos relacionados com a componente micro e interativa do controlo e por isso procurámos conteúdos mais relacionados com uma dimensão de *relação interpessoal*. Assim, considerámos conteúdos relacionados com o desenvolvimento de uma dinâmica interpessoal de suporte ao estabelecimento de relações de confiança fortes com o utente, tendo em vista assegurar a colaboração ativa deste com a intervenção social e, simultaneamente, a preservação do poder estatutário do assistente social.

Na ‘finalidade de regulação’ incluíram-se os conteúdos de conhecimento mais relacionados com a prevenção e a mediação de conflitos, intermediários entre o plano institucional e o plano interpessoal, tendo em vista evitar e limitar ações violentas, atuando em representação e em defesa dos utentes mais marginalizados e mais isolados pela exclusão social. Dada esta focalização mais intermediária da regulação, designámos esta dimensão de *integração social*.

No que se refere à *C.I. dos Meios de Ajuda*, consideraram-se quatro dimensões de análise ligadas à ação profissional: *ajuda assistencial, ajuda capacitadora, ajuda psicossocial e ajuda informativa*.

Para chegarmos a estes conteúdos utilizámos como principal fonte de inspiração a tipologia elaborada por Howe (1987, p. 50), que circunscreve quatro tipos de práticas amplas no serviço social, com base nos paradigmas teóricos expostos por Burrell e Morgan (in Howe, 1987, p. 49) Assim, Howe designa os fomentadores dessas práticas de: Os fixadores; Os exploradores de significados; Os despertadores de consciência e Os revolucionários<sup>6</sup>. (*Ibidem*).

Esta tipologia, exposta por Howe (1987, pp.52-95), serviu de base à identificação das dimensões da ação profissional ligadas aos meios de ajuda, designadamente: **a) os ‘fixadores’** (mais associados aos paradigmas funcionalistas que procuram preservar a ordem social)

que intervêm, hipoteticamente, privilegiando *meios assistenciais*, isto é, usando conteúdos de conhecimento centrados na satisfação imediata das carências sociais existentes, quer pelo fornecimento de recursos materiais quer pela prestação de cuidados diretos, **b) os ‘exploradores de significados’** (mais associados aos paradigmas interpretativistas que buscam a construção e a negociação da linguagem) que intervêm, hipoteticamente, privilegiando *meios psicossociais e meios informativos*, isto é, usando conteúdos de conhecimento centrados na comunicação com o utente e na adequação dos recursos disponíveis às necessidades e problemas existentes.

Quer os ‘fixadores’ quer os ‘exploradores de significados’ situam-se numa conceção societária de regulação e ordem social, à qual se opõe uma conceção societária de mudança e conflito social, na qual se inscreve, **c) os ‘despertadores de consciência’** (mais associados aos paradigmas humanistas radicais, que procuram promover a capacidade de agência do indivíduo) que intervêm, hipoteticamente, privilegiando *meios capacitadores*, isto é, usando conteúdos de conhecimento centrados na conscientização e em aprendizagens capacitadoras capazes de alterar as perceções e atitudes do utente face às suas condições de existência quotidianas. Aqui prevalece uma conceção societária de mudança, mas assente numa conceção voluntarista da ação na medida em que concebem a mudança através da agência do indivíduo em si. Por seu turno, os **d) os ‘revolucionários’**<sup>7</sup> (mais associados aos paradigmas estruturalistas radicais e com uma visão da sociedade como um composto de estruturas de dominação e opressão), não emergem neste modo de ação profissional dos meios de ajuda aos utentes pois os ‘revolucionários’ enfatizam o papel e mudança das estruturas sociais, estando assim comprometidos com um projeto político para a sociedade e muito associados ao ‘serviço social estrutural’ e ‘serviço social radical’.

A figura 1 ilustra as dimensões de ação profissional por relação às duas temáticas da Consciência Identitária ligada às finalidades e aos meios de ajuda.

<sup>6</sup> Correspondência estabelecida, por Howe (1987), entre os quatro paradigmas teóricos e os seguidores dessas correntes que procuram implementá-las na prática profissional do serviço social. Assim sendo, os Funcionalistas são designados de ‘fixadores’; os Interpretativistas designados de ‘exploradores de significados’; os Humanistas Radicais designados de ‘despertadores de consciência’; os Estruturalistas Radicais designados de ‘revolucionários’.

<sup>7</sup> Os ‘revolucionários’ não foram considerados por nós, dado remeter para um paradigma estruturalista radical, em que são pre-va- lentes as finalidades da intervenção social centradas na mudança política e estrutural da sociedade, e não tanto, naquilo que procurávamos, nos meios de ação profissional.

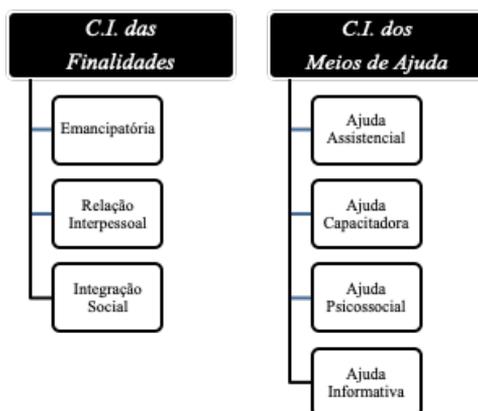


Figura 1. Dimensões da Ação Profissional presentes na Consciência Identitária ligada às Finalidades e aos Meios de Ajuda

A fim de verificar em que medida estas duas temáticas são centrais à consciência identitária de todos os assistentes sociais, pudemos considerar na organização deste estudo duas hipóteses (H1 e H2):

- H1 - saber do grau de coerência e unidade dos conhecimentos, verificando em que medida os conteúdos sobre os fins (dimensões da *C.I. das Finalidades*) e sobre os meios (dimensões de *C.I. dos Meios de Ajuda*) estão associados e dependem uns dos outros, ainda que esta associação privilegie e valorize configurações variadas de fins/meios;
- H2 - saber do grau de consensualidade, homogeneidade e transversalidade dos vários itens e dimensões de consciência identitária considerados, incluindo verificar em que medida eles são imunes à passagem do tempo e à variação dos contextos de trabalho, considerando as diferentes gerações de profissionais e a variação de tipos de educação formal e de setores de atividade.

O estudo realizado permitirá constatar em que medida em que estas duas hipóteses se verificarem e em consequência decidir sobre se estaremos, ou não, em presença de uma forte relação entre conhecimento e identidade profissional no serviço social.

## 1. Metodologia

### 1.1. Indicadores, variáveis e testes

Para responder às hipóteses de investigação colocadas, em especial no que se refere à H2, no questionário foram consideradas várias perguntas destinadas a obter informação dos inquiridos sobre o grupo geracional (variáveis de intervalos de idades e de intervalos de anos civis de conclusão do curso), o tipo de formação (variáveis de duração do curso e de duração do estágio curricular final), a escola de educação formal (variável agrupando vários tipos de escolas de formação) e o setor de atividade (variável agrupando a variação institucional dos setores de atividade). Ao todo oito perguntas, correspondentes a oito variáveis independentes.

Para responder à H1 e H2, na formulação do questionário consideraram-se duas grandes perguntas, uma relativa à *C.I. das Finalidades* e outra relativa à *C.I. dos Meios de Ajuda*. Nestas duas questões foi perguntado aos assistentes sociais quais - tendo em conta a sua educação formal passada e a experiência profissional entretanto adquirida - os conhecimentos que tendiam a privilegiar, a dar prioridade e a usar com mais frequência, na atualidade, da sua atividade quotidiana de intervenção social.

Na pergunta referente à *C.I. das Finalidades* foram apresentados nove indicadores de

medida, através de uma lista com 9 itens-variáveis de resposta, correspondentes a 3 itens por cada uma das três dimensões de análise acima indicadas ( $3 \times 3 = 9$  itens de resposta). Para a resposta relativa à *C.I. dos Meios de Ajuda* foram considerados doze indicadores de medida e para o efeito apresentada uma lista de 12 itens-variáveis de resposta, correspondentes a 3 itens por cada uma das quatro dimensões

de análise acima indicadas ( $3 \times 4 = 12$  itens de resposta).

Os quadros 2 e 3, apresentados em seguida, permitem identificar a totalidade dos itens de resposta incluídos no questionário e perceber a correspondência que existe entre cada um e cada uma das dimensões de análise da *C.I. das Finalidades* e da *C.I. dos Meios de Ajuda*<sup>8</sup>.

**Quadro 2.** Consciência Identitária das Finalidades (C.I. das Finalidades)

Dimensões	Itens
<b>Emancipatória</b>	1. Empoderamento (atuar para gerar capacitação e autonomia no futuro) 3. Contratualização (formalizar acordos e compromissos para o futuro) 4. Comunitarizar (atuar para fortalecer laços e redes comunitárias)
<b>Relação interpessoal</b>	5. Responsabilização (atuar para gerar cooperação e responsabilidade) 2. Negociação (atuar para gerar compreensão mútua e facilitar negociação) 8. Assertividade (atuar para gerar integridade e ajustamento de expectativas)
<b>Integração social</b>	6. Mediação (atuar para atenuar conflitos e tensões entre pessoas e entidades) 7. Advocacia social (atuar em defesa e representação, evitando riscos de maior exclusão social) 10. Prevenção (atuar para evitar violência e potenciais conflitos)

**Quadro 3.** Consciência Identitária dos Meios de Ajuda (C.I. dos Meios de Ajuda)

Dimensões	Itens
<b>Ajuda assistencial</b>	7. Fornecer recursos (fornecer recursos materiais e suprir carências) 8. Proporcionar cuidados (proporcionar cuidados face a dependências e fragilidades permanentes) 13. Atender a casos (adaptar procedimentos para melhor atender a casos)
<b>Ajuda capacitadora</b>	10. Proporcionar aprendizagens (proporcionar e fomentar novas aprendizagens sociais) 11. Reformular situações (reformular situações propondo outra interpretação) 12. Consciencializar situações (consciencializar para situações a que não se dá atenção)
<b>Ajuda psicossocial</b>	4. Facultar ânimo (facultar ânimo e segurança face a dificuldades e contratemplos) 5. Tranquilizar (aliviar ansiedade e tranquilizar face a potenciais ameaças) 6. Persuadir e reforçar (persuadir, salientar e reforçar o que houver de positivo)
<b>Ajuda informativa</b>	1. Proporcionar conselho (proporcionar conselho para melhor encaminhar o caso) 2. Fornecer informações (fornecer informações sobre os serviços e os recursos disponíveis) 3. Dar explicações (dar explicações sobre as políticas e respostas sociais disponíveis)

No questionário, junto a cada item de resposta, foi apresentada uma escala ordinal de cinco posições, destinada a saber o (maior ou menor) grau de frequência com que os conteúdos de conhecimento, enunciados em cada item, eram utilizados pelos inquiridos. A posição 5 da escala correspondia a uma frequência descrita como “uso sempre”, a posição 4 cor-

respondia a “uso muito frequente”, a posição 3 a “uso frequente”, a posição 2 a “uso pouco frequente” e a posição 1 a “uso raro ou nulo”.

Verificámos que as respostas aos itens concentraram-se nas posições 3, 4 e 5 da escala: em média as posições 1 e 2 tiveram frequências de apenas cerca de 2% do total dos inquiridos. Este facto indicou-nos que as variáveis

<sup>8</sup> Ao todo, no questionário foram utilizados 21 indicadores de medida (9 relativos à C.I. das Finalidades + 12 relativos à C.I. dos Meios de Ajuda) sobre a consciência identitária, correspondentes a 21 variáveis dependentes.

em cada tema e dimensão pareciam ter, como pretendíamos, um elevado nível de consensualidade junto dos inquiridos. Mas também nos indicou a necessidade de na verificação das hipóteses se ter alguns cuidados em garantir os requisitos necessários à aplicação dos testes estatísticos (Maroco, 2007), designadamente: (i) na análise bivariada para verificar a H1 foi usado o teste de hipóteses *Qui Quadrado* e para o efeito foi necessário reduzir as escalas ordinais das variáveis dependentes a 3 e a 2 posições, conforme o nível atingido pela concentração das respostas nos valores mais elevados da escala; (ii) para se evitar o uso continuado da redução destas escalas e assim possibilitar uma melhor sustentação da decisão sobre a significação estatística, optou-se na verificação da H2 pela utilização do teste de hipóteses *Kruskall-Wallis* dado que se estava perante escalas ordinais. Numa abordagem inicial exploratória dos dados, a adequação do agrupamento dos itens de resposta por dimensão em cada tema<sup>9</sup> foi confirmada a partir de uma análise estatística de homogeneidade por correspondências múltiplas (ACM) (Carvalho, 2008).

## 1.2. Amostra

O questionário foi administrado a 187 assistentes sociais da região norte de Portugal. Todos os inquiridos foram contactados para participarem no estudo através de estudantes de licenciatura de Serviço Social, residentes nos mesmos concelhos em que os inquiridos trabalhavam. Os estudantes entregaram pessoalmente o questionário e recolheram-no de imediato, ou em prazo combinado com o inquirido, sem que tivesse sido considerada qualquer relação de entrevista para o seu adequado preenchimento.

O critério para a seleção dos assistentes sociais a incluir no estudo não teve em consideração qualquer hipótese de representatividade quanto à totalidade e à distribuição proporcional dos profissionais na região, dado que, por um lado, não existiam disponíveis números fiáveis recentes sobre a população de profissionais desta área de conhecimento na região e, por outro lado, porque existiu uma grande dificuldade em conseguir obter a colaboração

dos profissionais para este efeito. Em consequência desta segunda dificuldade também foi impossível obter uma distribuição dos inquiridos pela região que respeitasse a proporção da distribuição da população atendida por organizações e serviços de trabalho social da região ou, pelo menos, que respeitasse a proporção da distribuição da população residente pelas subdivisões administrativas da região (sub-regiões-Nuts II). Neste contexto, o único critério que pôde ser seguido foi o do capital social que os estudantes tinham nas suas zonas de residência para conseguir convencer os profissionais a colaborar no estudo.

Como se pode ver pela tabela 3 (em anexo), os inquiridos têm uma distribuição muito assimétrica pela região e nada proporcional à concentração da população residente: os inquiridos concentraram-se, em quase 70%, nas zonas geográficas do interior norte (sub-regiões do Tâmega, do Entre Douro e Vouga, do Douro e do Alto-Trás-os-Montes) sendo que, ao inverso, cerca de 70% da população residente (segundo o último recenseamento da população portuguesa) está concentrada nas zonas geográficas mais litorais (Minho-Lima, Cávado, Ave e Grande Porto).

Nestas condições não se pôde assegurar qualquer representatividade do inquérito, pelo que os resultados obtidos apenas podem ter objetivos exploratórios e de experimentação do instrumento de inquérito usado. Admitimos que, apesar de na amostra haver uma sobre-representação do interior norte, os dados que permitem caracterizá-la (a partir das perguntas que permitiram identificar as variáveis independentes atrás indicadas) não estarão distantes das características da população dos assistentes sociais em Portugal, a saber: a) uma grande feminização da profissão (na amostra apenas 3 dos inquiridos eram homens); b) a generalidade das licenciaturas inclui um estágio curricular (na amostra apenas um inquirido não tinha estágio curricular); c) a maioria dos assistentes sociais obteve a licenciatura nos últimos 10 anos, embora a maioria dos que hoje têm trabalho não sejam os mais novos; d) um importante peso do terceiro sector social na contratação de assistentes sociais (47% da amostra) tão importante como o emprego no sector público.

<sup>9</sup> No questionário foram incluídos outros itens de resposta em cada uma das duas perguntas temáticas. Estes outros itens foram excluídos da análise porque, comparativamente com os itens aqui considerados, os resultados estatísticos apurados, que podiam justificar a sua inclusão num agrupamento de uma dimensão da consciência identitária, eram fracos.

Existem ainda outros dados de caracterização da amostra que julgamos relevantes serem referidos: a) 43% dos inquiridos licenciaram-se depois de 2004, seguido de 35% entre 1995-2004; b) o intervalo de idades dos inquiridos é maioritário em 38% entre os 30-39 anos, seguido de 28% entre os 40-49 anos; c) 70% da amostra é constituída por licenciados em escolas sediadas no norte de Portugal; d) o peso relativo dos licenciados pelas escolas mais antigas de educação formal (institutos superiores do Porto, Coimbra e Lisboa) ainda é maioritário, correspondendo a 57% da amostra; e) muito provavelmente pelo menos 12% dos inquiridos fizeram o curso como trabalhadores-estudantes, dado terem concluído o curso com mais de 27 anos; (vi) quase metade (48%) realizou o curso em planos de estudos de 10 semestres e apenas 6% têm cursos de 6 semestres; f) 40% dos estágios curriculares ti-

veram pelo menos 12 meses de duração e apenas 16% são inferiores a 6 meses.

## 2. Resultados

### 2.1. Consensualidade e unidade da consciência identitária

Como referimos na secção anterior, os itens da *C.I. das Finalidades* e da *C.I. dos Meios de Ajuda* tiveram valores de resposta bastante elevados. Como se pode ver pelas tabelas 4 e 5, em todos os itens os valores estatísticos da moda e da mediana são sempre 4 ou 5, isto é, indicam que a frequência de uso dos conhecimentos contidos no conteúdo de cada item são “sempre” e “muito” usados. Em consequência apenas dois itens têm médias inferiores a 4.

**Tabela 1.** Estatística descritiva dos itens por dimensão na C.I. das Finalidades

Tema	Dimensão	Itens	Média	Mediana	Moda	Nível médio
<i>C.I. das Finalidades</i>	Relação Interpessoal	responsabilização	4,43	5	5	alto
		negociação	4,36	4	5	médio
		assertividade	4,44	5	5	alto
		<b>Total</b>	4,41	5	5	alto
	Integração Social	mediação	4,26	4	4	baixo
		advocacia social	4,02	4	4	baixo
		prevenir agressões	3,70	4	4	baixo
		<b>Total</b>	3,99	4	4	baixo
	Emancipatória	empoderamento	4,14	4	4	baixo
		contratualização	4,13	4	4	baixo
		comunitarização	4,10	4	4	baixo
		<b>Total</b>	4,12	4	4	baixo

**Tabela 2.** Estatística descritiva dos itens por dimensão na C.I. dos Meios de Ajuda

Tema	Dimensão	Itens	Média	Mediana	Moda	Nível médio
<i>C.I. dos Meios de Ajuda</i>	Ajuda Assistencial	fornecer recursos	3,87	4	4	baixo
		proporcionar cuidados	4,12	4	4	baixo
		atender a casos	4,03	4	4	baixo
		<b>Total</b>	4.00	4	4	baixo
	Ajuda Capacitadora	aprendizagens sociais	4,03	4	4	baixo
		reformular situações	4,03	4	4	baixo
		consciencializar situações	4,07	4	4	baixo
		<b>Total</b>	4.03	4	4	baixo
	Ajuda Psicossocial	facultar ânimo e segurança	4,40	4	5	médio
		tranquilizar	4,44	5	5	alto
		persuadir e reforçar	4,19	4	4	baixo
		<b>Total</b>	4.39	4	5	médio
	Ajuda Informativa	proporcionar conselho	4,55	5	5	alto
		fornecer informações	4,74	5	5	alto
		dar explicações	4,15	4	4	baixo
		<b>Total</b>	4.48	5	5	alto

Com base nesta primeira apreciação descritiva, podemos dizer que os conteúdos de conhecimento considerados têm um elevado nível de consensualidade dentro da profissão. No entanto, como se pode ver na última coluna das tabelas 1 e 2, dentro da consensualidade existe alguma heterogeneidade: os valores médios e medianos encontrados permitem identificar, comparativamente, estes três níveis de medida: alto (com valores 5 de moda e de mediana), médio (com valor 5 de moda e valor 4 de mediana) e baixo (com valores 4 de moda e de mediana). A grande maioria dos itens (15 no total de 21=72%) estão concentrados no nível considerado baixo.

Uma análise mais detalhada das tabelas 4 e 5, permite verificar que os itens considerados no nível mais alto ocorrem na dimensão de *relação interpessoal* da *C.I. das Finalidades* e nas dimensões de *ajuda informativa* e *ajuda psicossocial* de *C.I. dos Meios de Ajuda*. Todas as outras dimensões e itens, mais comprometidos com a emancipação e a conflitualidade social e com a assistência e a capacitação, supõem maior diferenciação da consciência identitária e por isso implicam poderem ser

considerados como aqueles que mais podem fragmentar a consciência identitária.

## 2.2. Coerência e associação de meios/fins

Tendo em vista responder de uma mais clara à H1, acima referida, foram construídas tabelas de contingências que tiveram em vista cruzar os vários itens da *C.I. das Finalidades* com os vários itens da *C.I. dos Meios de Ajuda* e verificar, item a item, o grau de associação estatística entre os vários conteúdos de conhecimento. Para podermos obter uma conclusão, aplicámos a cada tabela de contingência o teste *Qui Quadrado* para uma significância de  $p < 0,01$ <sup>10</sup>. A tabela 5 (ver anexo) resume os resultados de *qui quadrado* para as 108 tabelas de contingências analisadas, relativas aos 9 itens da *C.I. das Finalidades* desdobrados pelos 12 itens da *C.I. dos Meios de Ajuda* ( $9 \times 12 = 108$ ).

Numa primeira abordagem dos dados apresentados na tabela 6 (ver anexo), podemos identificar os itens de meios e de fins que, entre si, não têm relações estatísticas significativas (N.Sig.).

<sup>10</sup> Usou-se um nível de significância acima de 0,05 porque entendeu-se ser útil introduzir um nível de exigência estatística acrescido de forma a compensar a debilidade, atrás referida, da escala ordinal utilizada no questionário.

Se olharmos para os itens da *C.I. dos Meios de Ajuda* verificamos diferenciações extremadas (variando entre 0% e 89%), a saber: (i) a frequência de resultados não significativos é mais alta (8, 7 e 6 em 9 possíveis, 89% a 67%) nos itens “tranquilizar”, “proporcionar conselho”, fornecer informações “e “fornecer recursos”; (ii) a frequência de resultados não significativos é mais baixa (0, 1 e 2 em 9 possíveis, 0% a 22%) nos itens “atender a casos”, “proporcionar aprendizagens sociais”, “consciencializar situações”, “proporcionar cuidados” e “reformular situações; (iii) nos restantes itens encontramos frequências de resultados não significativos intermédios (5 e 4 em 9 possíveis, 56% a 44%), em “dar explicações”, “persuadir e reforçar” e “facultar ânimo e segurança.

Se olharmos para os itens da *C.I. das Finalidades* também encontramos diferenciações, embora não tão extremadas (67% a 25%), a saber: (i) a frequência de resultados não significativos é mais alta (8 e 7 em 12 possíveis, 67% a 58%) nos itens de “advocacia social” e de “comunitarizar”; (ii) a frequência de resultados não significativos é mais baixa (3 e 4 em 12 possíveis, 25% a 33%) nos itens de “empoderamento”, “responsabilização”, “negociação” e “prevenir agressões”; (iii) a frequência de resultados não significativos é intermédia (5 e 6 em 12 possíveis, 50% a 42%) nos itens de “mediação”, “assertividade” e contraturalizar.

Do exposto podemos dizer que em geral é nos itens da *C.I. dos Meios de Ajuda* que existe maior frequência de resultados estatísticos não significativos, designadamente nos itens 5, 1, 2 e 7. Três destes itens (“tranquilizar”, “proporcionar conselho”, “fornecer informações”) correspondem, como vimos na tabela 4, aos conteúdos de conhecimento mais consensuais e por isso, tendencialmente, mais rotineiramente usados sem estarem associados a nenhum fim em particular. Nos itens da *C.I. das Finalidades* encontramos apenas 2 itens (7 e 4) com resultados estatísticos não significativos mais elevados, correspondentes aos conteúdos de conhecimento (“advocacia social” e “comunitarizar”) que na tabela 4 eram menos consensuais (médias de uso menos elevadas) e por isso, tendencialmente, são fins com usos mais retóricos, sem encontrarem meios de intervenção específicos à sua concretização.

A partir dos dados apresentados na tabela 6 (ver anexo) pudemos construir a tabela 7 (em anexo), identificando o número de itens

com resultados estatísticos significativos em cada dimensão. Em consequência do que tínhamos encontrado na análise dos itens da *C.I. dos Meios de Ajuda*, na tabela 7 (ver anexo) constatamos que as dimensões de *ajuda psicossocial* e de *ajuda informativa* são as que estão menos associadas a fins (valores totais de 41% e 33%), enquanto que nas dimensões de *ajuda assistencial* e de *ajuda educativa* ocorre o inverso (valores totais de 70% e 85%). Em comparação, nas dimensões da *C.I. das Finalidades* não existe uma tão grande variação (valores totais entre 53% e 58%), podendo-se considerar, a hipótese, que para a realização de qualquer um dos três fins todos os quatro meios podem ser potencialmente adequados.

No entanto, esta conclusão não nos impede de também concluir que, potencialmente existe na consciência identitária do serviço social uma coerência interna entre meios e fins, indicada pelas fortes associações estatísticas que são evidenciadas na tabela 7, a saber: a) existe uma forte associação entre a dimensão de meios de “ajuda assistencial” e a dimensão de fins “emancipatórios” (89%); b) existe uma forte associação estatística entre a dimensão de “ajuda capacitadora” com os fins de “relação interpessoal” e de “integração social” (100% e 89%).

### 2.3. Transversalidade e homogeneidade

Tendo em vista responder à H2, foram analisadas as relações estatísticas bivariadas entre todas as oito variáveis independentes e todas as 21 variáveis dependentes, (9 da *C.I. das Finalidades* + 12 da *C.I. dos Meios de Ajuda*), através do teste de hipóteses *Kruskal-Wallis* (para  $p < 0,05$ ). Os resultados estatísticos deste teste de hipóteses são apresentados nas tabelas 8 e 9 (ver anexo).

Como se pode constatar numa primeira aproximação a estes dois quadros, a grande maioria dos testes estatísticos aplicados não são significativos, pelo que podemos desta já dizer que existe uma grande transversalidade e homogeneidade na consciência dos assistentes sociais sobre o uso que fazem do conhecimento.

Os resultados estatísticos dos 72 testes de hipóteses apresentados na tabela 8 (ver anexo) evidenciam que apenas em 4 casos (cerca de 6% das variáveis dependentes da *C.I. das Finalidades* consideradas) existe influência das variáveis independentes na consciência de uso

de conteúdos de conhecimentos. No que se refere à *C.I. dos Meios de Ajuda*, os resultados 96 testes de hipóteses apresentados na tabela 9 (ver anexo) indicam que apenas em 6 casos (6% das variáveis dependentes consideradas) se pode admitir a existência de influência das variáveis independentes na consciência de uso de conteúdos de conhecimentos.

Em função destes resultados, será relevante destacar que existem vários itens da *C.I. dos Meios de Ajuda* e da *C.I. das Finalidades* e várias variáveis independentes que não apresentaram nenhum valor estatístico significativo em nenhum dos testes aplicados, designadamente: nos itens da *C.I. dos Meios de Ajuda*: “proporcional aprendizagens sociais”, “facultar ânimo e segurança”, “proporcionar conselho” e “fornecer informações”; (ii) nos itens da *C.I. das Finalidades*: “contratualizar”, “comunitarizar”, “assertividade” e “mediação”; (iii) nas variáveis independentes de “Escola educação formal”, “Intervalos idade de conclusão do curso” e “Intervalo duração estágio”.

Em sentido inverso, só terá relevância sinalizar que é nas variáveis mais sensíveis à mudança geracional da profissão (“intervalos de idade” e “intervalos ano de conclusão do curso”) que encontramos um maior número de resultados estatísticos significativos, embora isso seja mais evidente na *C.I. dos Meios de Ajuda* do que na *C.I. das Finalidades*.

Também aplicámos o teste de hipótese *Kruskal-Wallis* à análise comparada das dimensões da *C.I. dos Meios de Ajuda* e da *C.I. das Finalidades* pelas variáveis independentes. Para o efeito, em função da elevada homogeneidade de respostas em cada dimensão (referido atrás na secção 2.1), calculámos o somatório dos valores das escalas dos três itens considerados em cada dimensão (alargando assim o número de posições ordinais consideradas em cada variável dependente) e em seguida aplicámos o teste, tal como mostra a tabela 10 (ver anexo). Como seria de esperar, face aos resultados que já tínhamos encontrados nas tabelas 8 e 9, encontrámos apenas quatro resultados estatísticos significativos. Estes poucos resultados confirmam mais uma vez que é na *C.I. dos Meios de Ajuda* e nas variáveis mais ligadas à diferenciação geracional da profissão que a transversalidade da consciência sobre o uso do conhecimento é ligeiramente atenuada.

Entrando num maior detalhe destes quatro resultados estatísticos significativos, encontrámos o seguinte: a) no que se refere à influência

da variação geracional (variáveis independentes “intervalo de idade” e “idade de conclusão do curso”) nas dimensões da *C.I. dos Meios de Ajuda*, verificamos que são os inquiridos mais novos (<30 anos de idade, 30-39 anos de idade e com conclusão do curso aos 20-23 anos) que tendem a atribuir maior frequência (valores acima da mediana da escala resultante do somatório) aos conteúdos de conhecimento de “ajuda assistencial” e de “ajuda capacitadora”, acontecendo o inverso com os mais velhos (todos os intervalos de idade acima de 39 anos e todos aqueles que concluíram o curso com mais de 23 anos); b) no que se refere à influência da variação dos contextos de trabalho atuais (variáveis independentes “setor atividade institucional” e “serviço-valência social”) na *C.I. dos Meios de Ajuda* e na *C.I. das Finalidades*, verificamos que os inquiridos que atuam no terceiro setor e que atuam junto de crianças/jovens e de idosos tendem a atribuir, respetivamente, maior frequência (valores acima da mediana da escala resultante do somatório) ao uso de conteúdos de conhecimento de “integração social” e de “ajuda psicossocial”, acontecendo o inverso com os inquiridos que atuam no setor público e em serviços da segurança social e das autarquias locais.

### 3. Conclusões

Os dados encontrados neste estudo respondem às hipóteses formuladas. Existe consensualidade, coerência e transversalidade na consciência que os assistentes sociais têm sobre os conteúdos de conhecimento que usam sobre os fins e meios da intervenção social. Os resultados obtidos apontam para a inexistência de fragmentação e fragilidade nos conhecimentos base que podem suportar a identidade profissional do serviço social. O que existe, predominantemente, é heterogeneidade nas configurações que os meios e os fins podem assumir na intervenção social.

Podemos afirmar, tendo por referência os dados da tabela 4, que a consensualidade não é sinónimo de uniformidade da identidade dos assistentes sociais. Uma forte consciência identitária pode coexistir com o desejada debate e polémica interna quanto aos conhecimentos que melhor podem legitimar e suportar em geral a identidade profissional. Assim, tendo por referência as tabelas 6 e 7, pode-se afirmar que apesar de existir uma ampla articulação e

consistência entre os itens e as dimensões da *C.I. dos Meios de Ajuda* e da *C.I. das Finalidades*, estes assumem configurações variadas. Estas variações também podem ser observadas, a partir das tabelas 8 e 9, pois, apesar da transversalidade identificada, existem algumas pequenas variações na consciência de uso do conhecimento que são influenciadas, principalmente, pela diferenciação geracional da profissão.

A menos articulação entre a *C.I. dos Meios de Ajuda* e a *C.I. das Finalidades* (ver tabela 8 em anexo) nas dimensões e itens de “ajuda psicossocial” e de “ajuda informativa” associada à uma elevada consensualidade (ver tabela 5), pode hipoteticamente, dever-se a um uso muito amplo (independente dos fins da intervenção) destes conteúdos de conhecimento na prática direta com os utentes, na linha de uma intervenção psicossocial muito predominante.

Inversamente, a maior articulação entre a *C.I. dos Meios de Ajuda* e a *C.I. das Finalidades* ocorre em itens e dimensões que podem ser considerados bastante polémicos. Referimo-nos ao fato dos meios de “ajuda assistencial” estarem mais associados à finalidade “emancipatória” e dos meios de “ajuda capacitadora” estarem mais associados à finalidade de “relação interpessoal”. Tendo em conta as orientações teóricas que seguimos na operacionalização deste estudo tenderíamos a considerar como mais ajustado a associação da

dimensão assistencial com a dimensão relação social e a associação da dimensão capacitadora com a dimensão emancipatória.

Por hipótese, estas configurações mais polémicas na articulação entre a *C.I. dos Meios de Ajuda* e a *C.I. das Finalidades* poderão explicar alguma da variação geracional da consciência identitária da profissão, pois, os poucos casos com resultados estatísticos significativos (ver tabela 10) ocorrem quase sempre nos meios de “ajuda assistencial” e “ajuda capacitadora”.

Este tópico de análise poderá ser aprofundado em futuros estudos sobre o conteúdo da consciência identitária através de outras metodologias. Não se poderá esquecer que estes dados foram obtidos através de uma metodologia de inquérito, procedimento que não permite analisar em profundidade os sistemas de significação que foram imputados pelos inquiridos às categorias de linguagem usadas na descrição das dimensões e itens incluídos no questionário. Também o fato de ter sido necessário reduzir as escalas dos itens de resposta para a análise estatística de *Qui Quadrado*, justifica olhar para estas conclusões com alguma precaução.

Creemos que a relevância do tema, bem como os resultados e conclusões deste estudo transcendem o campo empírico que esteve na sua base e como tal poderão servir de referência para reflexões e estudos noutros países.

#### 4. Referências bibliográficas

- Abbott A. (1988). *The System of Professions: An Essay on the Division of Expert Labor*, Chicago: Chicago University Press.
- Asquith, S.; Clark, C.; and Waterhouse, L. (2005). *The Role Of The Social Worker In The 21st Century – A Literature Review*. Edinburgh: Scottish Executive.
- Beddoe, Liz (2013a). Health social work: Professional identity and knowledge. *Qualitative Social Work*, 12(1), 24-40.
- Beddoe, Liz (2013b). A Profession of Faith’ or a Profession: Social Work, Knowledge and Professional Capital. *New Zealand Sociology*, 28(2), 44-63.
- Caria, T.; Sousa, P. e Almeida, J.L. (2017). A identidade profissional institucional: a atualidade da pesquisa em Serviço Social, *Sociologia, problemas e práticas*, 85, 145-165.
- Caria, T.; Loureiro, A.; Costa, I.; Pereira, F. e César, F. (2014). “O sistema de profissões no trabalho social: trabalho de equipa, formação e jurisdições profissionais”, In Telmo H. Caria e Fernando A. Pereira (orgs.), *O trabalho social profissional no terceiro sector* (pp.171-201). Viseu: Psicossoma,
- Carvalho, H. (2008). *Análise multivariada de dados qualitativos: utilização da ACM com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Donovan, J.; Rose, D. e Connolly, M. (2017). A Crisis of Identity: Social Work Theorising at a Time of Change, *The British Journal of Social Work*, 47(8), 2291–2307. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcw180>
- Forenza, B. e Eckert, C. (2018). Social Worker Identity: A Profession in Context, *Social Work*, 63 (1), 17-26. <https://doi.org/10.1093/sw/swx052>

- Howe, D. (1987). *An Introduction to Social Work Theory – Making Sense in Practice*. Aldershot: Wildwood House.
- Hugman, R. (2009). But Is It Social Work? Some Reflections on Mistaken Identities, *The British Journal of Social Work*, 39(6), 1138–1153. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcm158>
- Krmpotic, C.S. e Ponce de León, A. (2017). “Diez enunciados para pensar la identidad profesional en Trabajo Social. Una invitación al debate internacional en los albores del siglo XXI”. *Cuadernos de Trabajo Social*, 30(1), 135-147
- Lorenz, W. (2004). Research as an Element in Social Work’s Ongoing Search for Identity, In: R. Lovelock, K. Lyons, and J. Powell (eds.), *Reflecting on Social Work - Discipline and Profession* (pp. 145-162). Aldershot: Ashgate.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Payne, M. (2014). European social work and their identities. *ERIS Web Journal*, 5(2), 2-14.
- Payne, M. (2006). Identity Politics in Multiprofessional Teams: Palliative Care Social Work. *Journal of Social Work*, 6(2), 137-150.
- Payne, M. (2001). Knowledge Bases and Knowledge Biases in Social Work. *Journal of Social Work* 1(2), 133-46.
- Webb, S. (ed.). (2017). *Professional Identity and Social Work*. London: Routledge Academic.
- Wiles, F. (2013). ‘Not easily put into a box’: constructing professional identity. *Social Work Education*, 32(7), 854-866.

## Anexos

**Tabela 3.** Distribuição dos inquiridos pelas Nuts II da região Norte de Portugal

Nuts II sub-regiões	Minho-Lima	Cávado	Ave	Grande Porto	Tâmega	Entre Douro e Vouga	Douro	Alto-Trás-os-Montes	Total
<b>Frequência</b>	15	13	18	11	49	8	31	42	187
<b>%</b>	8%	7%	10%	6%	26%	4%	17%	22%	100%

**Tabela 6.** Resultados do teste Qui Quadrado ( $p < 0,01$ ) aplicado aos itens da C.I. das Finalidades pelos itens da C.I. dos Meios de Ajuda

C.I. dos Meios de Ajuda	Dimensões e Itens	C.I. das Finalidades								
		Dimensões e Itens								
		Emancipatória			Relação Interpessoal			Integração Social		
		1	3	4	5	2	8	6	7	10
<b>Assistencial</b>	7	0,005	N.Sig.	0,004	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	0,001	N.Sig.
	8	0,000	0,000	0,000	0,003	N.Sig.	0,003	0,005	N.Sig.	0,009
	13	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000	0,000	0,000	0,001	0,000
<b>Capacitadora</b>	10	0,000	0,002	0,002	0,000	0,001	0,000	0,000	N.Sig.	0,002
	11	0,000	N.Sig.	N.Sig.	0,000	0,000	0,000	0,000	0,002	0,000
	12	0,000	0,005	N.Sig.	0,000	0,000	0,000	0,003	0,005	0,000
<b>Psicossocial</b>	4	0,004	N.Sig.	N.Sig.	0,004	N.Sig.	0,008	N.Sig.	N.Sig.	0,002
	5	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	0,001
	6	N.Sig.	0,004	0,001	0,001	0,001	N.Sig.	0,001	N.Sig.	N.Sig.
<b>Informativa</b>	1	0,003	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	0,004	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.
	2	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	0,001	0,000	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.	N.Sig.
	3	0,000	0,008	N.Sig.	N.Sig.	0,008	N.Sig.	0,005	N.Sig.	0,003

**Legenda:** N. Sig. - Sem significação estatística;

*C.I. das Finalidades*: 1. empoderamento; 3. contratualizar; 4. comunitarizar; 5. responsabilização; 2. negociação; 8. assertividade; 6. mediação; 7. advocacia social; 10. prevenir agressões;

*C.I. dos Meios de Ajuda*: 7. fornecer recursos; 8. proporcionar cuidados; 13. atender a casos; 10. proporcionar aprendizagens sociais; 11. reformular situações; 12. consencionalizar situações; 4. facultar ânimo e segurança; 5. tranquilizar; 6. persuadir e reforçar; 1. proporcionar conselho; 2. fornecer informações; 3. dar explicações.

**Tabela 7.** Resultados do teste Qui Quadrado ( $p < 0,01$ ) aplicado aos itens e dimensões da *C.I. das Finalidades* por itens e dimensões da *C.I. dos Meios de Ajuda*

<i>C.I. dos Meios de Ajuda</i>	<i>C.I. das Finalidades</i>			
	Dimensões			
	Mudança	Confiança	Integração	Total
Assistencial	8/9 (89%)	5/9 (56%)	6/9 (67%)	19/27 (70%)
Capacitadora	6/9 (67%)	9/9 (100%)	8/9 (89%)	23/27 (85%)
Psicossocial	4/9 (44%)	4/9 (44%)	3/9 (33%)	11/27 (41%)
Informativa	3/9 (33%)	4/9 (44%)	2/9 (22%)	9/27 (33%)
Total	21/36 (58%)	20/36 (56%)	19/36 (53%)	60/108 (56%)

**Tabela 8.** Resultados do teste Kruskal-Wallis ( $p < 0,05$ ) aplicado às relações entre as variáveis dependentes da *C.I. das Finalidades* e as variáveis independentes

<i>C.I. das Finalidades</i>									
Variáveis Dependentes	Variáveis Independentes								
	Intervalos								
	Idade	Escola educação formal	Idade conclusão curso	Ano conclusão curso	Duração curso	Duração estágio curso	Sector atividade institucional	Serviços/valências	
Emancipatória	1	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	3	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	4	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Relação Interpessoal	5	<b>0,006</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,044</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	2	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	8	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Integração social	6	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	7	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,033</b>	N. Sig.
	10	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,004</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.

**Legenda:** N. Sig. - Sem significação estatística;

*C.I. das Finalidades*: 1. empoderamento; 3. contratualizar; 4. comunitarizar; 5. responsabilização; 2. negociação; 8. assertividade; 6. mediação; 7. advocacia social; 10. prevenir agressões.

**Tabela 9.** Resultados do teste Kruskal-Wallis ( $p < 0,05$ ) aplicado aos itens da **C.I. dos Meios de Ajuda** pelas variáveis independentes

<i>C.I. dos Meios de Ajuda</i>									
Variáveis dependentes	Variáveis independentes								
	Intervalos								
	Idade	Escola/ educação formal	Idade conclusão curso	Ano conclusão curso	Duração curso	Duração estágio	Sector atividade institucional	Serviços/ valências	
Ajuda Assistencial	7	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	8	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	13	<b>0,024</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Ajuda Capacitadora	10	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	11	<b>0,005</b>	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,004</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	12	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,022</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Ajuda Psicossocial	4	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	5	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,023</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	6	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,027</b>
Ajuda Informativa	1	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	2	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
	3	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.

**Legenda:** N. Sig. - Sem significação estatística;

*C.I. dos Meios de Ajuda:* 7. fornecer recursos; 8. proporcionar cuidados; 13. atender a casos; 10. proporcionar aprendizagens sociais; 11. reformular situações; 12. consciencializar situações; 4. facultar ânimo e segurança; 5. tranquilizar; 6. persuadir e reforçar; 1. proporcionar conselho; 2. fornecer informações; 3. dar explicações.

**Tabela 10.** Resultados do teste Kruskal-Wallis ( $p < 0,05$ ) aplicado às dimensões da **C.I. das Finalidades** e da **C.I. dos Meios de Ajuda** pelas Variáveis Independentes

Variáveis Independentes	<i>C.I. das Finalidades</i>			<i>C.I. dos Meios de Ajuda</i>			
	Dimensões						
	Emancipatória	Relação Interpessoal	Integração social	Assistencial	Capacitadora	Psicossocial	Informativa
Idade	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,014</b>	<b>0,014</b>	N. Sig.	N. Sig.
Escola/ educação formal	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Idade conclusão curso	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Ano conclusão curso	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,014</b>	N. Sig.	N. Sig.
Duração curso	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Duração estágio	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Sector atividade institucional	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,030</b>	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.
Serviços/ valências	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	N. Sig.	<b>0,045</b>	N. Sig.